

18 FEV 2009

A Praça da Soberania e o futuro de Brasília

JOSÉ FERNANDO APARECIDO DE OLIVEIRA

Deputado Federal (PV-MG)

Este é um pedido. Na verdade, um pouco mais. É tentativa de resgatar um pedaço de Brasília que, quase natimorto, ainda tem muito a contribuir com a cidade. E a ensinar também. Deixemos a Praça da Soberania alcançar o tempo de gestação dentro do debate que deve ser alimentado com os sonhos do pai da arquitetura da capital federal e, por seu lado, com os brados de estranheza mais conservadora — ainda que naturais.

Ao comunicar o arquivamento do projeto, Oscar Niemeyer deixou transparecer surpresa desconfortante em relação à força com que a ideia foi rebatida por aqueles que não a aprovaram. O arquiteto tentava encerrar um debate que conseguiu pôr Brasília frente a frente com sua evolução socioespacial — o maior fantasma dos brasilienses que observam um trânsito que já não cabe nas largas vias ou a multiplicação de cidades-satélites, abrigos da segregação social.

Os benefícios da Praça da Soberania à sociedade brasiliense já são prementes. Há interesse das pessoas pelas causas e consequências

do espaço que as abriga. Nesse contexto, escutaram-se comentários que claramente carregavam falta de informação sobre o assunto. Mais atenção deve ser dada ao pensamento do arquiteto centenário.

Temos dois patrimônios dos quais muito nos orgulhamos. Lúcio Costa e Oscar Niemeyer são parte do Brasil que sonhamos. Eles compõem a grandeza e a inovação pelas quais enxergamos nossa terra. Estavam ambos em sintonia com meu pai, o então governador do Distrito Federal José Aparecido de Oliveira, quando da declaração de Brasília como Patrimônio Histórico, em 1987. Não por acaso, Aparecido de Oliveira registrou no discurso de posse como governador do DF que “se esforçaria para administrar com os olhos do Oscar Niemeyer”. E, em conversa com Lucio Costa, escutou do urbanista: “O tombamento salvou Brasília da especulação imobiliária. Seu trabalho (o de Aparecido) ajudará nossa cidade a desenvolver-se em sua forma original”.

Anos depois, lembro-me de uma conversa com meu pai durante um passeio de carro pela capital federal. Ele olhava através do vão da janela e comentava que havia muito a ser feito pela cidade.

Vaticinou: “Espero que o Niemeyer ainda ponha muito a mão na massa para que o patrimônio esteja eternamente em evolução”.

Desse pensamento, conclui que o trabalho de Niemeyer seria importante para as necessidades que Brasília ainda iria expor. A evolução da cidade seria apresentada pela forma com que o homem se relacionasse com o espaço físico. Como notou Lucio Costa, o espaço urbano ainda precisaria desenvolver-se e, notadamente, baseado na forma original. Nesse ponto, a adaptação à demanda do movimento e do crescimento da sociedade certamente seria mais bem feita pelo autor da obra inicial.

A Praça da Soberania é um lampejo criacionista do gênio que viveu para ver a própria obra sofrer a intervenção natural da evolução social dinâmica. É, nesse pensamento, parte do plano arquitetônico que Niemeyer pensou para Brasília. E isso acontece com a notável vantagem de que a proposta é pensada e construída de acordo com a realidade social vivida pela cidade ao ensejo dos 50 anos. O estacionamento que faz parte da praça, por exemplo, abriga 3 mil carros em uma região saturada na cidade.

Sobre a preocupação de que o monumento poderia ofuscar a vista da Esplanada, lanço mão da fala de um especialista. Registra o arquiteto e estudioso em Niemeyer, Cláudio Queiroz, da UnB: “As pessoas têm criticado sem entender do que estão falando. Ninguém percebeu ainda a delicadeza dessa obra. (...) A ideia de não construir nada nesse gramado tem como objetivo a perfeita visualização do Congresso a partir da plataforma superior da Rodoviária. E a praça não influenciaria nisso, mas engrandeceria a paisagem (...)”.

As lições de cidadania desse capítulo de Brasília chamado “Praça da Soberania” deveriam ser muito bem-vindas ao debate esclarecido e saudável que a genialidade de Niemeyer nos proporciona em seus 101 anos. Onde hoje parece haver um projeto derrotado, pode estar o grande exemplo de arquitetura originalmente brasiliense a serviço dos mais atuais movimentos de acomodação social da capital federal. Quando o futuro traça dinâmicas de uma sociedade expansiva e contraditória, a originalidade de Oscar Niemeyer certamente se mostra como caminho à frente do nosso tempo. Às vezes, difícil de ser compreendido por muitos.